

## A DANÇA AFRO-BRASILEIRA E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NAS AULAS DE ARTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: ESTUDO DE CASO COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NA CIDADE DE MANAUS/AM

Marília Gonçalves dos Santos<sup>1</sup>  
Vanja Poty Sandes Gomes Menezes<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo aborda a dança afro-brasileira como instrumento pedagógico na construção de uma educação antirracista no contexto da escola pública em Manaus. A pesquisa surgiu a partir das experiências vivenciadas nas aulas de artes, compreendendo o ambiente escolar como espaço de resistência, memória, ancestralidade e transformação social. O estudo teve como objetivo analisar de que maneira a dança afro-brasileira pode contribuir para o fortalecimento da identidade cultural, da empatia e da valorização das relações étnico-raciais no processo de ensino e aprendizagem. A investigação fundamentou-se na bricolagem metodológica e na escrevivência, articulando teoria, prática artística e experiências pessoais da docência. As atividades desenvolvidas envolveram práticas corporais, rodas de conversa, oficinas de Afoxé, Samba de Roda e dinâmicas teatrais, possibilitando aos estudantes reflexões sobre racismo, pertencimento e ancestralidade. Os resultados evidenciaram que a dança afro-brasileira favoreceu maior participação dos estudantes, fortalecimento da autoestima, valorização da cultura afrodescendente e construção de relações mais respeitadas no ambiente escolar. Observou-se também que a arte possibilitou aos alunos expressarem emoções, histórias e experiências muitas vezes silenciadas no cotidiano da escola. Além disso, a pesquisa revelou que práticas pedagógicas fundamentadas na escuta, no acolhimento e na valorização da diversidade podem contribuir significativamente para o enfrentamento do racismo no contexto educacional. Conclui-se que a dança afro-brasileira constitui importante ferramenta pedagógica para promoção de uma educação mais sensível, inclusiva, crítica e humanizada.

**Palavras-chave:** Dança afro-brasileira. Educação antirracista. Ancestralidade. Identidade. Arte-educação.

**ABSTRACT:** This article discusses Afro-Brazilian dance as a pedagogical tool in the construction of anti-racist education within the context of public schools in Manaus. The research emerged from experiences developed in art classes, understanding the school environment as a space of resistance, memory, ancestry, and social transformation. The study aimed to analyze how Afro-Brazilian dance can contribute to strengthening cultural identity, empathy, and the appreciation of ethnic-racial relations in the teaching and learning process. The investigation was based on methodological bricolage and the concept of “escrevivência,” articulating theory, artistic practice, and personal teaching experiences. The activities developed included body practices, conversation circles, Afoxé workshops, Samba de Roda, and theatrical dynamics, enabling students to reflect on racism, belonging, and ancestry. The results showed that Afro-Brazilian dance promoted greater student participation, strengthened self-esteem, valued Afro-descendant culture, and encouraged more respectful relationships within the school environment. It was also observed that art enabled students to express emotions, stories, and experiences often silenced in daily school life. Furthermore, the research revealed that pedagogical practices grounded in listening, welcoming, and valuing diversity can significantly contribute to combating racism in educational contexts. It is concluded that Afro-Brazilian dance constitutes an important pedagogical tool for promoting a more sensitive, inclusive, critical, and humanized education.

**Keywords:** Afro-Brazilian dance. Anti-racist education. Ancestry. Identity. Art education.

<sup>1</sup>Acadêmica Licenciatura em Dança, Universidade Federal do Amazonas- PROFARTES.

<sup>2</sup>Orientadora: Professora Dra. UFAM/UEA-PROFARTES.

## INTRODUÇÃO

Como professora de artes, apresento esta pesquisa como um convite à reflexão pedagógica antirracista em Manaus. A escola, neste contexto, revelou-se um território vivo e pulsante, marcado por resistências e dores, mas também por uma imensa potencialidade cultural e humana. Parto do princípio de que muitos educadores, "por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar" (MUNANGA, 2005, p. 15). Foi sob esse olhar que compreendi a urgência de combater o racismo na base, construindo, entre docentes e discentes, um ambiente escolar mais consistente, acolhedor e justo.

O objetivo central desta pesquisa foi analisar, por meio das aulas de artes, como a educação antirracista pode florescer como uma ferramenta de atuação sensível e consciente. Busquei meios de enfrentar os desafios cotidianos e os atos racistas que, por vezes, partem dos estudantes e até dos próprios professores. Proponho, assim, estimular a empatia e o diálogo por meio de uma prática pedagógica que insere o corpo e a ancestralidade no centro do debate, alterando profundamente o reconhecimento da diversidade em um compromisso no dia a dia.

A pesquisa estruturou-se sob a luz da bricolagem metodológica e da escrevivência. A bricolagem permitiu unir teorias, vivências e práticas artísticas, como o Samba de Roda, o Afoxé e práticas teatrais. Como reflete (FORTIN, 2009, p. 78), essa integração de múltiplos horizontes ganha forma na "análise reflexiva da prática de campo", o que, no fazer artístico escolar, significa um processo constante de adaptação e criação diante do imprevisto.

Já a escrevivência, conceito de Conceição Evaristo, marca profundamente minha escrita e prática docente. É a trajetória pessoal que integra dores e descobertas ao ensino, consolidando a sala de aula como um espaço de escuta. É a "consciência que compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades" (EVARISTO, 2020, p. 53). Assim, a dança afro-brasileira torna-se um lugar de fortalecimento da identidade e celebração da ancestralidade.

Nesta pesquisa, ensinar e dançar são atos inseparáveis. Ao reconhecer a arte como um instrumento político e pedagógico imensurável, busquei transformar a ferida do racismo em força coletiva, promovendo um fazer educativo que convertesse a hostilidade em sensibilidade e pensamento crítico dentro da escola pública.

## DANÇA E EDUCAÇÃO: IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE

A união entre dança e identidade no ambiente escolar foi um encontro de desafios e descobertas. Nele, compreendi que o movimento vai muito além das práticas pedagógicas tradicionais, ele é um caminho de reconhecimento, pertencimento e afirmação da própria história. É uma forma de honrar nossos ancestrais que chegaram ao Brasil na condição de escravizados e foram submetidos a um sistema desumano. Mesmo diante de tamanha opressão, a resistência se manifestou de diversas formas, nas revoltas, na formação de quilombos e na preservação de tradições culturais e religiosas, como o Candomblé. Nesse sentido, Borges corrobora:

Em oposição a essa condição de trabalho, os negros escravizados construíram inúmeras formas de resistência, sendo a primeira delas os quilombos, posteriormente as revoltas, a capoeira, candomblé, as irmandades e as associações, ambas foram essenciais para abolição da escravidão no Brasil em 1888. (BORGES, 2025, p. 26).

A autora afirma que a população negra jamais aceitou a subordinação, sendo protagonista de sua história através de múltiplas formas de oposição ao sistema escravocrata. A história desses sujeitos possibilitou espaços de indignação, independência e liberdade. Manifestações culturais como a capoeira, o afoxé e o samba de roda são expressões de resistência que se revelam, ainda hoje, como práticas vivas de memória e afirmação identitária.

Por meio da dança, foi possível perceber a importância de valorizar as crenças de matriz afro-brasileira para compreender a diversidade do povo brasileiro. Embora esses costumes tenham sido invisibilizados historicamente, constrói-se, gradualmente, um espaço de confiança para um debate mais acessível sobre raça e cor. Portanto:

A identificação coletiva é sempre processo e construção e só pode ser entendida levando em conta contextos históricos e políticos. Tanto o silêncio sobre a cor como ética social, quanto sua reivindicação, hoje, como bandeira de luta, são frutos diferentes da presença difusa do racismo na sociedade brasileira em suas complexas relações com a memória do cativo (MATOS (2005, p.111).

Neste contexto a autora Matos, conclui que o corpo afrodescendente ainda é considerado como culpado, como se carregasse uma responsabilidade que não lhe pertence. Esse estigma não é de agora; vem de longe, enraizado em narrativas preconceituosas construídas ao longo do tempo. Com esse olhar, fui inserindo a dança afro-brasileira na escola com cuidado e escuta. Aos poucos, o movimento tornou-se inclusivo, permitindo que cada estudante se sentisse acolhido para vivenciar, de forma coletiva e individual, a conexão com sua própria ancestralidade.

Acerca do ambiente escolar Corpo e identidade é visível perceber que existe várias formas de aprender, expressar o movimento. O aluno traz consigo uma bagagem de

experiências, histórias corporais a partir das suas memórias e experiências. O ponto de dessas vivências é a sala de aula, onde ele se sente incluso e acolhido. Sobre essa memória viva, Inaicyrá Falcão dos Santos corrobora:

O corpo que dança traz em si marcas de uma memória ancestral que não se apaga, mas se reinventa no gesto, no ritmo e na presença. Na dança afro-brasileira, cada movimento carrega sentidos que ultrapassam a forma, pois está ligado a uma herança cultural, espiritual e histórica que se manifesta no corpo como território de saber (SANTOS, 2002, p. 45).

Discutir a dança afro-brasileira, assim como autora Santos reflete que, na escola parecia, para muitos, algo distante ou até dispensável. Para mim, contudo, era urgente. Era como se eu carregasse vozes ancestrais e memórias que resistiram ao tempo pedindo passagem para preencher aquele espaço. Foi no corpo em movimento, no ritmo, na quebra do quadril e do ombro, e na força do passo marcado, que descobri uma maneira poderosa de fazer essa transformação acontecer.

## PROCESSO DE CRIÇÃO: CORPO E DANÇA AFRO-BRASILEIRA.

Falar do corpo por meio da dança afro-brasileira é dizer de um corpo que nunca foi apenas matéria, mas expressão viva de conhecimento. É um território, uma memória, um percurso. É um corpo que carrega narrativas de sofrimento, mas que também transborda a beleza de quem reinventou a vida mesmo diante da dor. No espaço da sala de aula, esse corpo, tantas vezes silenciado, encontra a possibilidade de se manifestar. Expressar-se em movimento é, portanto, um ato político; um gesto de existência.

Cecília Salles nos ajuda a compreender que o processo criativo é feito de gestos inacabados, de caminhos que se constroem enquanto são trilhados. Como ela afirma: “o gesto criador não se encerra na obra, mas se prolonga em um percurso contínuo de experimentações” (SALLES, 2009, p. 34). Assim, dançar em sala de aula não é meramente repetir passos; é permitir que cada estudante descubra seu próprio movimento, aquele que nasce do que viveu, do que sente e do que ainda não sabe dizer em palavras.

Ana Mae Barbosa recorda que o ensino da arte deve possibilitar leituras críticas do mundo, articulando o fazer, o ver e o compreender. Segundo a autora: “a imagem é um campo de conhecimento que possibilita leituras múltiplas e críticas da realidade” (BARBOSA, 2010, p. 78). É nesse campo que o estudante se reconhece, se vê e, muitas vezes, se reinventa.

A dança afro-brasileira surge, neste contexto, como uma prática que reconecta o corpo à sua dimensão ancestral. Seus movimentos transcendem a estética: carregam significados que

dialogam com universo africano e afrodiáspóricas. Cada gesto traz uma recordação, cada ritmo conta uma narrativa e cada deslocamento reafirma uma presença. Levar essa prática para a escola não significa apenas diversificar o conteúdo, mas desafiar as epistemologias tradicionais, questionando quais corpos foram historicamente reconhecidos como produtores de saber e quais foram marginalizados.

Mais do que uma celebração, o Afoxé é uma manifestação cultural, política e espiritual estruturada sob o ritmo Ijexá. O toque dos tambores convoca o corpo a mover-se com leveza e precisão simultâneas, fazendo com que cada passo narre histórias de travessia e resistência. Já no Samba de Roda, o corpo torna-se o centro de um espaço simbólico que transita do individual ao coletivo; nele, os movimentos dos pés se cruzam em giros expressivos que dialogam diretamente com o canto e a instrumentalidade.

Ao inserirmos essas manifestações culturais nas aulas de Artes, não estamos apenas produzindo coreografias. Trata-se de processos criativos que compreendem o corpo como experiência vivida no espaço cultural. Leda Maria Martins (2003) aponta que o corpo negro possui uma “escrita performática” que se revela na dança, na oralidade e nos gestos. Integrar essa visão na prática pedagógica significa romper com modelos eurocêntricos que tornaram essas expressões invisíveis.

Esse projeto educativo foi sistematizado a partir do cenário histórico do tráfico negreiro (séculos XVI a XIX) e do conceito de diáspora africana, destacando a resistência cultural que resistiu aos deslocamentos territoriais. Amparada pela Lei 10.639/03, a pesquisa buscou fortalecer as contribuições africanas como base da identidade brasileira, utilizando a dança como prática ancestral e representativa a ser vivenciada em sala de aula.

A investigação materializou-se, também, por meio de salas temáticas. Elas não apareceram do acaso, mas das falas compartilhadas em rodas de conversa e dos dados colhidos no questionário inicial, que buscou identificar quem eram os estudantes e quais saberes já carregavam na sua trajetória de vida. Conhecer antes de ensinar, escutar antes de propor foi fundamental para que a pesquisa ganhasse corpo, turmas que não faziam parte direta do projeto também participaram, ampliando o alcance das atividades. Enquanto uma turma ficou responsável pelas oficinas de Afoxé, o desenvolvimento da pesquisa sobre o Samba de Roda deu-se por meio de um grupo focal, aprofundando os sentidos dessa vivência coletiva.

## CONCLUSÃO

Concluir esta pesquisa significa trazer experiências, memórias, corpo e trajetórias jamais esquecidos. Foi revisitar o lugar que sempre me pertenceu, mas que foi atravessado por práticas pedagógicas tradicionais. O caminho que decidi traçar por meio da dança afro-brasileira mostrou que ensinar Artes a partir de uma perspectiva antirracista vai além de apenas transmitir conteúdos: exige dedicação, parceria, sensibilidade, escuta e comprometimento para identificar as identidades pertencentes à escola pública. Cada experiência, construída ao longo de cada aula, foi significativa para a valorização do corpo como território de memória e ancestralidade. Dessa forma, esse percurso foi fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem, da resistência e do pertencimento.

A dança afro-brasileira revelou-se, portanto, muito mais do que uma atividade artística. Mais do que isso, ela transformou o ensino de Artes em um profundo diálogo de pertencimento, conexão e histórias, abrindo espaço para reflexões sobre o racismo e sobre toda a diversidade cultural manifestada por ela. Durante os encontros e atividades realizadas, ficou claro que o preconceito, a discriminação e a exclusão eram fatores instalados por meio de comportamentos até então naturalizados no ambiente escolar. Desenvolver essas práticas por meio das artes foi suficiente para entender que este é um tema bastante sensível, humano e coletivo.

Dessa forma, a pesquisa foi fundamental para a valorização da cultura afro-brasileira dentro do espaço escolar, exaltando o povo negro, que por muitos anos foi invisibilizado. Trazer essas discussões para dentro da escola, nas aulas de Artes, é uma forma de combater o preconceito, romper silêncios e proporcionar novas possibilidades de representação no ambiente escolar, não apenas em datas comemorativas, mas de maneira cotidiana, para que a educação antirracista de fato aconteça.

Nesse percurso, a escrevivência tornou-se fundamental para a construção deste trabalho, servindo de inspiração para toda a investigação. Assim, permiti-me expor experiências que transcendessem as práticas acadêmicas tradicionais e se manifestassem de forma mais humana. A partir dessas vivências, as memórias e os obstáculos encontrados durante a prática docente foram integrados ao corpo do processo investigativo. Além disso, a pesquisa não se consolidou somente por meio da teoria, mas também através da escuta, da observação e das experiências partilhadas no ambiente escolar.

A bricolagem é o método que abriu caminhos de diálogo para a realização deste projeto, viabilizando a conexão de diferentes linguagens, crenças e práticas educacionais. Desse modo, ela uniu a dança, a oralidade, as rodas de conversa, as atividades corporais e o teatro,

proporcionando uma prática educativa mais dinâmica e de acordo com a realidade dos estudantes. Sendo assim, essa abordagem permitiu que eles vivenciassem novas descobertas durante o processo, respeitando sempre os ritmos de cada turma.

A Arte foi capaz de mostrar o quanto é importante para discutir pontos sensíveis e reflexivos no combate ao racismo. Por meio da dança, evidenciou-se que os movimentos corporais tornam possível expressar e aprender sobre memória e identidade. Porque o corpo é voz e conexão, é alma viva; por meio dele, os estudantes puderam vivenciar e trazer emoção para a aula.

Outro fator importante é mostrar para os estudantes que a ancestralidade não é do passado, mas sim do presente. Ela está viva em cada manifestação cultural, nos movimentos da dança afro-brasileira, nos ritmos e nas histórias que carregam como travessia do corpo negro do povo brasileiro. Portanto, ao refletir sobre essas questões em sala de aula, os alunos começaram a entender que a cultura afro-brasileira deve ter um olhar mais próximo para a construção da identidade brasileira, bem como para a formação social e política do Brasil.

Por meio da pesquisa, houve um avanço na atuação docente em relação às práticas pedagógicas, possibilitando um ambiente mais humanizado e inclusivo. O docente possui o papel fundamental de mediar reflexões críticas, promovendo relações pertinentes no ambiente escolar. Como docente, promover uma prática antirracista no espaço escolar exige coragem, determinação e persistência para enfrentar os desafios decorrentes das tamanhas desigualdades históricas que ainda existem no ambiente educacional.

Além disso, por meio da dança afro-brasileira, os estudantes puderam se conectar de maneira positiva com as suas origens culturais após as práticas realizadas. Essas atividades impactaram positivamente a participação dos alunos nas aulas de Artes, dando credibilidade ao trabalho desenvolvido com muita responsabilidade. Essas experiências vivenciadas em sala de aula mostraram a força que as aulas de Artes têm na sociedade brasileira.

Desse modo, não podemos de forma alguma deixar morrer essa pesquisa desenvolvida no ambiente escolar, pois ela manterá vivo um ambiente de igualdade e antirracismo diante de um fator histórico marcado pela invisibilidade e pelo preconceito. Trazer essas discussões antirracistas para dentro da escola é algo que deve ser trabalhado todos os dias em sala de aula, combatendo o preconceito e dando voz aos alunos que sofrem em silêncio.

A dança afro-brasileira no ensino de Artes foi capaz de dar espaço e voz para esses alunos, fazendo com que o que estava em silêncio pudesse ser despertado e conscientizado sobre

o seu papel na sociedade. Para que não se calem mais, eles agora podem denunciar sem medo, cumprindo o papel de informar e contestar o que antes era visto como natural ou normal. Dessa forma, a prática contribuiu para que eles denunciassem as manifestações do racismo.

Percebeu-se que a dança, nas aulas de Artes, teve o papel fundamental de comunicar-se com a ancestralidade. Ela é carregada de histórias, resistências, lutas e memórias, permitindo ser compreendida de forma sensível, reflexiva e crítica. Desse modo, permitir-se conectar com esse Cosmo é compreender que a cultura afro-brasileira teve uma contribuição essencial para a construção coletiva do Brasil.

Conclui-se, portanto, que a dança afro-brasileira é fundamental na prática pedagógica das aulas de Artes para o fortalecimento de uma educação antirracista, trabalhando a empatia, o respeito, a reflexão crítica e a humanidade no espaço escolar. Essas práticas permitiram desconstruir narrativas preconceituosas e racistas, transformando-as em experiências de valorização da ancestralidade e de reconhecimento das identidades negras. Esta pesquisa constitui-se como uma prova de resistência, memória e história do povo negro. Dessa forma, pretende-se que este trabalho contribua com profissionais da área da educação, inspirando-os a desenvolver ações antirracistas nas escolas e a ampliar as reflexões sobre a importância da cultura afro-brasileira.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BORGES DA SILVA, Luís Carlos. **Educação em transformação: reflexões e perspectivas**. Org. Victor Medrado. São Paulo: Editora Dialética, 2025.
- EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Organização de Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes. Rio de Janeiro: Mina Comunhão e Arte, 2020.
- MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gestos inacabados: processo de criação artística**. São Paulo: Intermeios, 2009.
- SANTOS, Inaicyr Falcão dos. **Corpo e ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação**. São Paulo: Terceira Margem, 2002.
- FORTIN, Silvy. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Revista Cena**, Porto Alegre, n.7, p. 77-88,2009

MATOS, Hebe Maria. Remanescentes das comunidades dos quilombos: memória do cativo e políticas de reparação no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 104-111, 2005.